

OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A DEMOCRATIZAÇÃO DO DIREITO À EXPRESSÃO NO RÁDIO¹

Social movements and the democratization of the right of expression on the radio

Los movimientos sociales y la democratización del derecho de expresión en la radio

Kátia Fraga²
Lucas Zini³

Resumo: Neste artigo, refletimos sobre a presença de movimentos sociais, as produções radiofônicas com viés comunitário e a contribuição dessas novas vozes contra-hegemônicas para o debate público, a democracia e o exercício da cidadania, sobretudo no atual contexto pandêmico. Buscamos também compreender o processo de tomada de posse dos conhecimentos profissionais do campo da comunicação para aprimoramento e potencialização das próprias técnicas comunicacionais utilizadas pelos comunicadores populares.

Palavras-chave: Rádio. Cidadania. Comunicação Comunitária. Radiojornalismo. Pandemia.

Abstract: In this article, we reflect on the presence of social movements, radio productions with a community bias and the contribution of these new counter-hegemonic voices to public debate, democracy, and the exercise of citizenship, in the context of a pandemic. We also seek to understand the process of taking possession of professional knowledge in the field of communication to improve and enhance the communication techniques used by popular communicators.

Keywords: Radio. Citizenship. Community Communication. Radio Journalism. Pandemic.

Resumen: En este artículo reflexionamos sobre la presencia de los movimientos sociales, las producciones radiales con sesgo comunitario y el aporte de estas nuevas voces contrahegemónicas al debate público, la democracia y el ejercicio de la ciudadanía en el contexto de pandemia. También buscamos comprender el proceso de apropiación del conocimiento profesional en el campo de la comunicación para mejorar y potenciar las técnicas de comunicación que utilizan los comunicadores populares.

Palabras-clave: Radio. Ciudadanía. Comunicación Comunitaria. Periodismo Radiofónico. Pandemia.

¹ Uma etapa preliminar da pesquisa foi apresentada no IV SIMPÓSIO NACIONAL DO RÁDIO, realizado de 5 a 7 de maio de 2020, na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), *campus* Cuiabá.

² Doutora; Professora do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. katiafraga@ufv.br | <http://orcid.org/0000-0002-8723-0014>

³ Graduando em Comunicação Social - Jornalismo; Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. lucas.zini@ufv.br | <http://orcid.org/0000-0001-6654-9029>

1. Introdução

A atual configuração da comunicação no mundo mediado pelas novas tecnologias amplia as possibilidades de espaços para diversidade de vozes, antes concentrados nas mídias hegemônicas. Nesse contexto das práticas comunicacionais mediante o paradigma da comunicação em rede (CARDOSO, 2007), os movimentos sociais abrem frentes midiáticas para suas narrativas a fim de garantir o direito de emanar suas pautas cotidianas de luta e anseios. Coadunando com essa perspectiva, Certeau (2014) afirma que é nos diferentes modos de atuação dos indivíduos em suas ações que surge o cotidiano. Assim, os sujeitos demarcam a sua singularidade, o seu lugar no mundo, por meio de suas formas de agir e ajudam a construir a pluralidade social que emerge dessas interações, favorecendo, também, a democracia e a cidadania.

A fim de debater o cotidiano sob a ótica dos movimentos sociais no cenário midiático, o Quem Luta Educa (QLE), coletivo composto por movimentos sindicais e estudantis de Viçosa/MG, decidiu apostar no rádio. Segundo pesquisa da Kantar Ibope, 80% dos brasileiros ouvem rádio e os municípios de Viçosa, uma cidade com cerca de 80 mil habitantes e localizada na Zona da Mata mineira, também seguem essa tendência. Nesse cenário, Fraga (2018) constatou que, mesmo diante de uma grande diversidade de ofertas disponíveis na atualidade da Comunicação em Rede (CARDOSO, 2007), o rádio, que expandiu para a internet (KISCHINHEVSKY, 2016), continua presente no cotidiano dos moradores, seja sintonizado no *dial* ou acessado por dispositivos digitais, como o celular.

Em 2019, o grupo QLE decidiu ampliar suas formas de comunicação com a sociedade apostando no potencial da mídia radiofônica como um espaço de ressonância de suas pautas,

ações, lutas e valores. Surge, então, em abril de 2019, o projeto de extensão intitulado *Alô, Comunidade: A voz da Cidadania e da Cultura Popular no Rádio*, com o objetivo geral de promover a formação de comunicadores populares de movimentos sociais para viabilizar a criação e a veiculação de programas radiofônicos. Um dos princípios centrais do projeto foi a garantia do protagonismo dos grupos sociais nesses programas, proporcionando a eles autonomia para definição do formato e do conteúdo. Assim, os integrantes do *Alô, Comunidade* participaram de oficinas voltadas para reflexões sobre Comunicação Comunitária (PERUZZO, 1999, 2003) e para práticas do Radiojornalismo (BARBEIRO; LIMA, 2001; FERRARETTO, 2014; CHAGAS, 2020).

A partir daí, foi idealizado o programa *QLE em Movimento*, produzido e gravado como parte das atividades do projeto. As edições foram veiculadas na Rádio Melodia FM, emissora evangélica da cidade de Viçosa/MG, público que o coletivo decidiu atingir. Neste artigo, analisaremos as edições realizadas na segunda temporada, em 2020, durante a Pandemia da COVID-19, voltada para produção de programas sobre o Coronavírus e outras temáticas cotidianas sob a ótica dos movimentos sociais, com enfoque na prestação de serviços e no combate à desinformação no rádio local.

2. Marco Teórico

O direito de comunicar, assegurado na Constituição Federal, tem sido cada vez mais reivindicado no cenário de disputa de narrativa midiática. Na conformação comunicacional contemporânea, os movimentos sociais no Brasil têm expandido e reverberado suas pautas,

reivindicações e ações políticas em espaços midiáticos, demarcando lugar na disputa de poder com a mídia hegemônica. As manifestações de luta pelos direitos humanos expandem-se pelas mais variadas formas de comunicação, incluindo a comunicação comunitária, popular e participativa, ou seja, a comunicação para a cidadania, evidenciada neste artigo.

Trata-se de uma comunicação popular centrada no protagonismo dos agentes sociais de “segmentos da população como forma de resistência à realidade política opressiva” (PERUZZO, 2021, p. 111), entre outras questões e demandas. Além disso, como reforça Peruzzo (2021, p. 111), essas práticas comunicacionais expressam “formas de lutas pelas conquistas dos direitos humanos e da cidadania e pela transformação da realidade.”

A comunicação e a cidadania, portanto, são eixos intrínsecos dentro de um modelo democrático ideal. A democracia deliberativa, proposta por Habermas (1989) como contraponto resolutivo às problemáticas apresentadas dentro do liberalismo clássico e do comunitarismo, é pautada justamente na cidadania como elemento fundador do que constitui a própria sociedade e as normas que a regem. Ela é, nesse sentido, o elo entre as dimensões individual e cultural de cada indivíduo, dentro das suas especificidades, expostas a partir da comunicação e do discurso. É essa participação, o choque de percepções distintas e a emergência de diferenças que possibilitam que a democracia e seus dispositivos de atualização sejam forjados dentro dos hábitos sociais.

Em Viçosa/MG, o rádio local é um veículo tradicional na vida da população e, na pandemia da COVID-19, tornou-se fundamental para orientação e combate à desinformação sobre a doença (FRAGA, 2021). O QLE buscou colocar suas pautas no rádio local para levar ao ar

temáticas associadas ao cotidiano (CERTEAU, 2014) dos moradores dessa cidade a partir da ótica dos militantes. Nessa experiência de Comunicação Comunitária, os agentes sociais tornam-se protagonistas de sua história ao unir forças no exercício da cidadania, expressando seus anseios, sonhos e reivindicações por sua própria voz, como preconiza Cicília Peruzzo (1999).

Assim, a participação ativa de movimentos sociais nesse processo comunicativo significa partilha, intervenção e reconhecimento como cidadão, consciente de seus direitos e deveres. Essas pessoas, “ao se relacionarem como seres interdependentes, influenciam-se mutuamente e, juntas, modificam a realidade onde estão inseridas”, o que representa um instrumento facilitador para o exercício da cidadania (DIAZ BORDENAVE, 2013, p. 38). Nessa vertente, Freire (1983) preconiza a atuação de práticas baseadas na reciprocidade de saberes no contexto dos agentes sociais, o que é fundamental para potencializar ações de transformação social.

É nessa perspectiva que funciona o *Alô, Comunidade*, norteado pelos princípios da comunicação comunitária e marcadamente na defesa de meios de comunicação capazes de permitir a participação ativa dos cidadãos e suas entidades representativas com autonomia no processo de criação e produção de conteúdo.

3. Metodologia

A metodologia do presente artigo esteve centrada na pesquisa qualitativa, por meio da análise de conteúdo (MINAYO, 2001), para verificar os significados e sentidos presentes em edições especiais do programa *QLE em Movimento*. Foram analisados dezesseis programas produzidos pelo QLE, que abordaram temáticas como solidariedade popular, violência doméstica, pandemia da COVID-19 e outras. Os roteiros dos programas foram transcritos e analisados por meio do *software* Iramuteq, Interface R para análise Multidimensional de Texto e Questionário. O primeiro passo para isso foi reuni-los em um único *corpus*, composto por todos os programas transcritos integralmente. A partir disso, realizou-se uma análise de conteúdo para verificar as intencionalidades dos roteiros e dos textos processados (BARDIN, 2006), valendo-nos dos métodos de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e da Nuvem de Palavras, ambos processados pelo Iramuteq.

4. Resultados

Na primeira análise, feita por meio da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), o Iramuteq dividiu o *corpus* em seis classes temáticas (FIG. 1). A partir dos resultados, organizados em um dendrograma, coube aos pesquisadores nomear as classes com base nos Segmentos de Texto (STs) e suas significações e sentidos contextualizados, procedimento que será agora aprofundado.



Figura 1 – Dendrograma Classificação Hierárquica Descendente (CHD)

A primeira classe analisada, que reúne 25,9% dos segmentos de texto, congrega palavras como *solidariedade*, *empresa*, *doação*, *alimento*, *preocupação*, *verdadeiro* e *povo*; por isso, ela foi nomeada pelos pesquisadores como *agentes sociais e suas ações na comunidade*. Na segunda temporada do *QLE em Movimento*, o coletivo defende as práticas de solidariedade popular como uma das únicas formas de atravessar a pandemia e a crise aprofundada pelo vírus.

Nesse triste cenário, onde inúmeras famílias perderam suas fontes de renda e sustento, as campanhas [...] realizadas pelos movimentos sociais e pelas entidades religiosas se tornaram ainda mais importantes na garantia de condições mínimas de alimentação e higiene em muitos lares brasileiros. (Segmento de texto extraído da 2ª ed. do *QLE em Movimento*, sobre Solidariedade Popular).

No programa, o coletivo defende uma diferenciação entre caridade e solidariedade, destacando que a caridade observada em algumas ações publicitárias durante a pandemia teve o intuito de gerar “*marketing* social” para as empresas, o que a diferencia da solidariedade popular, ações de organizações não governamentais e movimentos sociais que de fato objetivaram a prestação de auxílios e o acolhimento em tempos de pandemia. Dessa forma, o QLE reforça as noções de comunidade (BAUMAN, 2003) e de seus agentes como atores importantes na transformação almejada.

Em momentos de crise, essas grandes corporações, que lucram milhões explorando seus trabalhadores, aproveitam para se colocar enquanto salvadoras do mundo. (Segmento de texto extraído da 2ª ed. do QLE em Movimento, sobre Solidariedade Popular).

Outro conjunto apontado pelo Iramuteq foi a classe 4, designada *embates e pautas participativas contemporâneas*. Ela é a maior classe e reuniu 34,9% dos STs. Palavras como *incêndio, vacina, vítima, vírus, China* e *saúde* são alguns dos destaques que fazem referência a notícias disseminadas durante o período de produção e veiculação do programa, tais como os incêndios na Amazônia e no Pantanal e a pandemia do Novo Coronavírus e seus impactos. Ao programa não interessa, primariamente, noticiar os fatos, mas sim realizar uma análise à luz de entendimentos formulados pelos membros do coletivo.

Vimos contar e denunciar a ação de despejo que aconteceu no dia 12 de agosto de 2020 no quilombo Campo Grande, localizado na cidade Campo do Meio, no

sul de Minas Gerais [...] Se despejar famílias já é um ato de desrespeito com o povo. Despejar famílias durante uma pandemia é escolher colocar em risco as nossas vidas... As perdas foram muitas, a tristeza e angústia também. Porém, a resistência do povo durante essas 60 horas exaustivas ficou gravada em nossa memória. (Segmentos de texto extraído da 6ª ed. do QLE em Movimento, sobre o Quilombo Campo Grande)

Derivada da classe 4, surgem as classes 2 e 3. A classe 2, chamada *educação como direito e instrumento de transformação social*, engloba 22,9% dos segmentos de texto presentes no *corpus* dos programas transcritos e apresenta palavras como *educação, fundeb, governo, escola e estudante*.

O Fundeb permitiu que as regiões mais empobrecidas do país, as que têm pouca arrecadação financeira, tivessem acesso à educação. (Segmento de texto extraído da 7ª ed. do QLE em Movimento, sobre o Fundeb).

A classe 3, por fim, denominada *novas vozes e a democratização da política*, reúne 16,3% dos segmentos de texto existentes no *corpus* e foi assim nomeada por congregar palavras como *juventude, política, conselho e democracia*. Política, para Rancière (1996, p. 372), é definida como o conjunto das atividades que vêm perturbar a ordem das organizações do Estado que regulam o convívio social “pela inscrição de uma pressuposição que lhe é inteiramente heterogênea”, isto é, pela inflexão de entendimentos discordes, divergentes ou, simplesmente, diferentes. Isso ocorre a partir da aparência pública da diferença, quando, graças ao fenômeno comunicativo, surgem as cenas de dissenso.

Essas cenas são, nesse contexto, episódios esteticamente constituídos pelas ações de sujeitos que provocam rupturas nas tradicionais marcas sociais e ajudam a revisar e produzir o que Rancière chama de “nova topografia do possível” (RANCIÈRE, 2004, p. 55). As edições do *QLE em Movimento*, por serem diferentes do que tradicionalmente ocuparia a grade de programação das emissoras e da mídia hegemônica, ajudam a produzir essas cenas preconizadas por Rancière, além de introduzir e amplificar novas vozes que antes não faziam parte do debate público. Esse entendimento é corroborado por Cicília Peruzzo, que afirma que a comunicação popular participativa contribui no processo de fortalecimento de uma cultura e educação democráticas ao “socializar o direito de expressão” (PERUZZO, 1999, p. 302). Isso fica explícito em:

O QLE é um guarda-chuva que reúne movimentos sociais, sindicais, estudantis e religiosos por uma viçosa mais justa, democrática e plural! Temos muita vontade de agir e transformar a nossa cidade e os espaços onde atuamos. (Segmento de texto extraído da 9ª ed. do QLE em Movimento, sobre o Extermínio da Juventude Negra)

As classes relacionam-se ao derivar, uma da outra, como um pensamento consequente: *os agentes sociais e suas ações na comunidade* (classe 1) impactam e são impactados pelos *embates e pautas participativas contemporâneas* (classe 4) e enxergam a *educação como direito e instrumento de transformação social* (classe 2) para que *novas vozes* possam democratizar a expressão e ocupar a política (classe 3). Nesse contexto, a abertura de canais de comunicação contra-hegemônicos em mídias locais criados a partir de uma lógica

nas transcrições revela o caráter contra-hegemônico das produções ao passo que, além de estar presente no nome *QLE em Movimento*, também figura entre as convocações referentes às movimentações sociais e políticas empregadas na defesa e na busca por direitos. Nesse sentido, os termos *movimento*, *movimento social*, *social* e *luta* indicam as características primárias do conteúdo produzido pelos militantes.

Ademais, outro vocábulo marcante na nuvem de palavras foi o substantivo *gente*. Aqui, em específico, *gente* é derivada da locução pronominal *a gente*, que equivale ao pronome pessoal reto *nós*. É possível inferir, assim, que o uso constante dessa locução pronominal tem a ver com a necessidade de demarcar uma construção conjunta das pautas e convocar a população, interlocutora, para a tomada de uma responsabilidade social coletiva para com as agendas debatidas por meio dos programas no rádio (PERUZZO, 1999, 2003; LOPEZ VIGIL, 1995).

Se a gente reparar em tudo que nos cerca, vamos ver que é o nosso trabalho que constrói o país, numa realidade cheia de grandes dificuldades e suor, e carente de reconhecimento e valorização. (Segmento de texto extraído da 2ª ed. do QLE em Movimento, sobre Solidariedade Popular).

A palavra *violência* fez parte do conteúdo de vários roteiros na identificação de várias formas de violência, como no programa sobre Violência Doméstica.

Então, gente, é dever de todos nós denunciarmos a violência doméstica. Para isso temos o disque um oito zero, a Central de Atendimento à Mulher, a ligação é gratuita e funciona 24 horas por dia [...] Denuncie! Em casa sim, caladas nunca! (Segmento de texto extraído da 4ª ed. do QLE em Movimento, sobre Violência Doméstica)

Também aparecem termos como *trabalhador, mulher, educação, solidariedade, saúde, direito e vida*, relacionados diretamente aos temas e reivindicações dos produtores dos *QLE em Movimento* em cada programa veiculado. Essas palavras representam traços do cotidiano (CERTEAU, 2014) e das lutas estabelecidas pelos militantes.

5. Considerações Finais

Com base na análise das falas, expressões e palavras relacionadas às vivências midiáticas do Quem Luta Educa presentes nos roteiros estudados do programa *QLE em Movimento*, constatamos que o coletivo usa das ferramentas comunicacionais do rádio para transmitir ideias, causas e mobilizar a sociedade. Além disso, observamos o protagonismo desses agentes sociais quando tomam posse dos conhecimentos adquiridos por meio da parceria com o projeto de extensão “*Alô, Comunidade*” e os relacionam a suas próprias experiências (FREIRE, 1983) para profissionalizar suas ações comunicativas.

Nesse contexto, o rádio e os programas são considerados instrumentos de mobilização dos indivíduos em um espaço midiático capaz de ressoar as ideias do grupo. Na Pandemia, o *QLE em Movimento* apresentou temáticas e reflexões sob a ótica do coletivo, demarcando lugar

na disputa por narrativas, com forte atuação no combate à desinformação. Essas pautas tratadas em suas produções não teriam espaço garantido nas mídias tradicionais, contudo, por ocuparem esse canal de comunicação, contribuem no processo de fortalecimento de uma cultura e educação democráticas por meio da socialização do direito à expressão (PERUZZO, 1999), amplificado pela mídia e seus dispositivos.

Compreendemos que, ao passo em que os movimentos sociais desenvolvem suas “maneiras de fazer”, também constituem suas práticas por meio de técnicas oriundas das próprias produções culturais e instituem, portanto, modelos de ação próprios que contribuem para uma reapropriação do espaço organizado em que se encontram e, conseqüentemente, do aprimoramento da democracia cidadã.

REFERÊNCIAS

- Barbeiro, H.; Lima, P. R. (2001). *Manual do Radiojornalismo*. Campus.
- Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo*. (7. ed.; L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Persona.
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. (1. ed.). Jorge Zahar.
- Cardoso, G. (2007). *A mídia na sociedade em rede: filtros, vitrine, notícias*. FGV.
- Certeau, M. (2014). *A invenção do cotidiano*. Vozes.
- Chagas, L. J. V. (2020). *A seleção das fontes no rádio expandido*. (1. ed.). EdUFMT.
- Diaz Bordenave, J. (2013). *O que é comunicação*. Brasiliense.
- Ferraretto, L. A. (2014). *Rádio: teoria e prática*. Summus.

Fraga, K. L. (2018). *O rural em rede: rádio, midiatização e ruralidade no cotidiano da zona da mata mineira*. [Tese Doutorado em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa]. <https://locus.ufv.br/handle/123456789/21232>

Fraga, K. L. (2021). *Rádio local e comunidades afetivas em tempos de pandemia: estudo de caso de emissoras em Viçosa, Minas Gerais*. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, 12 (01), 194-220. <https://www.periodicos.ufop.br/radiofonias/article/download/4419/3769>

Freire, P. (1983). *Extensão ou Comunicação?* (7. ed.). Paz e Terra.

Habermas, J. (1989). *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Tempo Brasileiro.

Kischinhevsky, M. (2016). *Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação*. (215-220). Mauad X.

Lopez Vigil, J. I. (1995). *¿Qué hace comunitaria a una radio comunitaria?* Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicação, 52, 51-54, <http://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/621/618>

Minayo, M. C. S. (Org.) (2001). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. (18. ed.). Vozes.

Peruzzo, C. M. K. (1999). *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. (2. ed.). Vozes.

Peruzzo, C. M. K. (2003). *Mídia comunitária, liberdade de comunicação e desenvolvimento*. In C. M. K. Peruzzo, C. M. K; F. F. Almeida (Org.). *Comunicação para a cidadania*. (245-264). Intercom/UNEB.

Peruzzo, C. M. K. (2021). *Comunicação Popular e Comunitária em Movimentos Sociais Rurais: para além do “difusionismo”, a participação emancipatória*. In D. T. Silva, P. N. Bastos, R. A. Miani, & S. A. Silva (Org.). *Comunicação para a Cidadania: 30 anos em luta e construção coletiva*. (1. ed.). Intercom e Gênio Editorial.

Rancière, J. (1996). *Políticas da Escrita*. Ed. 34.

Rancière, J. (2004). *Aux bords du politique*. Gallimard.

Santos, B. S. (2010). *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes*. In B. S. Santos, & M. P. Meneses. *Epistemologias do Sul*. (31-83). Cortez.